

Eu Escuto, Eu Esqueço; Eu Vejo, Eu Entendo; Eu Faço, Eu Aprendo:

tentando “falar perto” sobre *The Essence of Judo*

*Victor Eiji Issa*¹

Resumo

O presente ensaio visa, por meio de uma temática específica – a importância da subjetividade dentro da prática do judô –, abordar uma temática mais ampla: procurar-se-á fazer uma reflexão sobre como nossas experiências vividas, ou seja nossa subjetividade, contribuem para a formação de nosso olhar sobre o “outro”. Trata-se de um ensaio no qual o autor busca, por meio de seu envolvimento pessoal com o judô, por meio de sua própria experiência, pensar na importância que a dimensão do subjetivo, do sensível tem para a antropologia.

Palavras-chave: *Subjetividade; Judô; Antropologia Visual.*

Começo este ensaio comentando brevemente seu título. Explicando-o vou estar ao mesmo tempo falando acerca de seu conteúdo.

“Eu ouço, eu esqueço; eu vejo, eu entendo; eu faço, eu aprendo.” Estas palavras vêm de um provérbio chinês. Aqui tal provérbio foi “picado” em duas partes: “eu ouço, eu esqueço; eu vejo, eu entendo...”, que dá nome à primeira parte deste ensaio, e “... eu faço, eu aprendo.” que dá título à segunda parte. E por que isto?

Na primeira parte nos dedicaremos a falar sobre a importância que a dimensão do visual, do olhar tem para o aprendizado e prática do Judô - “**eu vejo, eu entendo**”. Nesta

¹ É aluno de graduação do curso de ciências sociais da Universidade de São Paulo. Atualmente está envolvido em um trabalho de iniciação científica, cujo tema é a questão das relações inter-étnicas na região da 25 de Março, que conta com o apoio do CNPq e é orientado por Sylvania Caiuby Novaes, professora do Departamento de Antropologia da USP.

parte será comentado, de forma breve, o filme *The Essence of Judo*², para demonstrar como tal dimensão, do olhar, é importante no Judô.

Na segunda parte procuraremos falar “de perto” (no sentido que a cineasta e teórica Trinh T Minh-ha dá à expressão *speaking nearby*) sobre *The Essence of Judo*: o objetivo será falar sobre a questão da subjetividade. Do modo como a subjetividade, como a minha experiência influi na minha visão acerca do Judô. É por isso que se intitula “... **eu faço, eu aprendo.**” Ora, com isso se quer dizer que é a dimensão da experiência – **o fazer** – que nos leva a uma real apreensão – **o aprender** – acerca dos mais variados universos (no meu caso foi o Judô).

E por fim, na conclusão, procuramos fazer uma discussão mais “ampla”. Nela, busca-se estender a reflexão acerca da relação entre o subjetivo – nossas experiências – e nosso olhar sobre o “outro” ao campo da antropologia como um todo.

“Eu ouço, eu esqueço; eu vejo, eu entendo...”

Nesta parte busca-se apresentar a dimensão do olhar no Judô. A visão é um dos sentidos mais importantes, ao lado do tato, para um judoca. É nesta perspectiva que, nesta parte do trabalho, procura-se tratar o filme *The Essence of Judo*.

Tal filme foi produzido, tendo em vista atingir a um público de praticantes de Judô. O filme foca principalmente a figura de Kyuzo Mifune, um dos maiores gênios que já existiram na prática do Judô. O filme dedica-se basicamente a demonstrar técnicas e lutas deste grande mestre.

Tal foco, dado à dimensão do visual neste filme, pode ser diretamente aplicado à idéia que se tenta aqui apresentar – a da importância que o olhar tem para a prática do Judô. A questão do olhar exerce grande influência durante toda a trajetória de um judoca na medida em que condiciona tanto a absorção de conhecimentos deste – sua compreensão acerca do que lhe é passado – quanto à prática, o desenvolvimento do praticante. Como foi dito na introdução, é por isso que esta parte tem como título “eu ouço, eu esqueço; eu vejo, eu entendo...”

Vejamos estas palavras de David MacDougall: “Os filmes são claramente importantes para as pessoas filmadas quando têm implicações práticas ou simbólicas para elas. **Os filmes são moldados tanto pelas estruturas nas quais estão inseridos, quanto pela forma e intenção a que se propõem.**” (1997, p.100) (grifos meus)

² Refiro-me ao filme *The Essence of Judo* (2005), feito pela produtora Nihon Eiga Shinshai.

O conhecimento no Judô se dá principalmente através da visão e do tato. É nessa medida que *The Essence of Judo* tem uma grande importância no universo dos judocas. Ver é muito importante para que se entendam as técnicas ensinadas. Trata-se de um conhecimento bastante **visual**. É por isso que o filme é tão centrado nos aspectos visuais, os comentários inseridos no filme estão sempre subordinados às imagens, tratam-se de explicações dos movimentos mostrados.

Porém, ao mesmo tempo em que se trata de um conhecimento adquirido através da visão, trata-se também de um conhecimento condicionado pelo próprio olhar do praticante. Para falar desta questão, citamos aqui algumas palavras de Renaud Barbaras. De acordo com ele:

a visão não é, em hipótese nenhuma, a pura recepção de um conteúdo visual, o que equivale a dizer que não vemos apenas com nossos olhos. Enquanto apreensão de um sentido dentro do sensível ou como sensível, a visão é mais do que visão física: **ela envolve uma forma de compreensão ou de pensamento**. (BARBARAS, 2005. p.69) (grifos meus)

Associar tal idéia ao exercício de pensar no porquê de, na prática do Judô, as técnicas variarem de pessoa para pessoa ajuda a ilustrar tal questão. Ora, se os praticantes numa academia aprendem com um mesmo professor, por que há diferença entre as técnicas? Por que um mesmo golpe é aplicado diferentemente de pessoa para pessoa? É claro que aspectos físicos do próprio indivíduo influenciam, mas então por que mesmo pessoas de portes físicos semelhantes podem aplicar uma técnica de modo bem adverso? Acredito que o olhar do indivíduo exerce forte influência sobre sua ação. Ora, não é possível apreender o real em sua forma “pura”, e sabemos disso, temos noção da “profundidade” do mundo. “Ver é sempre ver mais do que se vê”. No Judô não se vê a luta, se *olha* a luta. Quando estamos diante de um adversário e estamos *olhando* sua movimentação, não o fazemos inocentemente. Pensamos: o que o adversário está tramando? Qual vai ser o próximo movimento? Como agir? Estamos criando a luta em nossa cabeça, não estamos simplesmente observando, estamos *interpretando* os movimentos vistos. Não são máquinas lutando, são humanos.

Onde se quer chegar com tudo isso? Queremos mostrar a importância do aspecto subjetivo na prática do Judô. Esta é a grande questão desta primeira parte do trabalho: com base no que foi até aqui exposto pode-se perceber o porquê e como o olhar *no* Judô pode ser encarado como um dos fatores decisivos do desempenho de um judoca. É importante tanto na aquisição de conhecimento quanto na aplicação deste. A maneira como se olha

uma movimentação, uma técnica, uma luta influi na forma como se aplica o conhecimento adquirido. Estar consciente da importância do olhar, no Judô, significa tanto um aprendizado mais consciente quanto um desempenho mais consciente. É por isso que *The Essence of Judo* prioriza tanto o aspecto visual, na medida em que se trata, como foi dito acima, de um filme feito para judocas.

Outro ponto a ser destacado é o fato de que, na dimensão do olhar, um aspecto exerce grande peso: o da experiência. E é sobre esta questão que tratará a próxima parte. Aqui o autor falará acerca de sua própria experiência, sendo, portanto necessária uma singela mudança de linguagem, nesta parte do presente ensaio, é preciso que o autor se coloque “dentro” do ensaio, que fale na primeira pessoa.

“... eu faço, eu aprendo”

O objetivo que me guia nessa segunda parte do trabalho é o de refletir sobre o meu envolvimento com o Judô, a minha experiência. É tentar “falar perto” sobre algo que me envolve desde a infância.

Francis Wolff, em seu ensaio *Por Trás do Espetáculo – O Poder das Imagens* discorre sobre o “poder das imagens”. De acordo com ele, estas “são capazes de suscitar aos poucos quase todas as emoções e paixões humanas, positivas e negativas, todas as emoções e paixões que as coisas ou pessoas que elas representam poderiam suscitar: amor, ódio, desejo, crença, prazer, dor, alegria, tristeza, esperança, nostalgia etc.” (2005, p.20)

É a questão do indizível da imagem. Porém este “indizível” está diretamente, ou melhor, intimamente relacionado a uma outra dimensão: à da nossa própria experiência. Como Rose Satiko escreve em *Imagens que afetam: filmes da quebrada e o filme da antropóloga*: “O afeto é a matéria-prima das relações, dos encontros que experimentamos em campo. **Ser afetado é deixar-se marcar por esses encontros**, modificar-se inclusive.” (2009, p.122) (grifos meus)

A meu ver, não se trata apenas de encontros com pessoas. As experiências são vividas, são sentidas **com pessoas, com lugares, com situações**. Ora, quando vejo a imagem de um golpe perfeitamente aplicado, como aqueles demonstrados por Mifune em *The Essence...*, sei o quão difícil foi conseguir executá-lo. O primeiro pensamento que me vem à cabeça é: “Nossa, como ele conseguiu fazer isso?!”, ou senão “gostaria de conseguir aplicar um desses...”. A imagem me traz de volta todo o empenho, toda a batalha que implica uma luta de Judô, **sensações totalmente subjetivas**, do domínio do **afeto**. A

imagem traz à mente toda a “luta”, a dificuldade de se conseguir aplicar um golpe perfeito. Só entende realmente quem passou por isso.

E isso, a meu ver, se relaciona às críticas que Trinh T. Minh-ha faz à postura de “falar sobre”, propondo que falemos “perto” (*speak nearby*). Alguém que nunca tenha tido a experiência de vivenciar o universo do Judô provavelmente, no máximo se interessaria pela plástica, pela estética das imagens: trata-se de alguém que conseguiria no máximo “falar sobre” o Judô. Já eu tenho a consciência, ou melhor, **a experiência** de ter vivenciado o contexto de um treino, de uma técnica, de uma luta de Judô – a meu ver, posso dizer que “falo perto” desse universo.

Jessie Sklair em seu ensaio *A quarta dimensão do trabalho de Trinh T. Minh-ha: desafios para a antropologia ou aprendendo a falar perto*, como o próprio nome já indica, nos fala acerca do trabalho de Trinh T. Minh-ha. Esta questão da “quarta dimensão” é justamente o que aqui nos interessa. Vejamos algumas palavras da autora (de Jessie):

“O trabalho de Trinh abraça a multiplicidade da experiência humana e das **infinitas perspectivas localizadas na mente – e no corpo – de cada um**. A mente aqui não é uma mente totalizante e singular, mas a *mente de uma flor*, abrindo-se para incorporar os vários *selves* de um corpo e suas várias experiências do mundo.” (2006, p.142) (grifos meus)

“Infinitas perspectivas localizadas na mente e no corpo de cada um”. A experiência vivida é a fonte da sensação, que possibilita pensar essa dimensão do olhar que se quer destacar. Ora, poderia ficar horas comentando *The Essence of Judô*, a dificuldade e a satisfação que se passa no espírito da pessoa no momento da aplicação de um golpe a alguém que sequer tenha ouvido falar de Judô... mas será que ela me entenderia? Ao falar da admiração de ver as técnicas aplicadas por aquele grande mestre será que realmente entenderia a beleza que o filme tem para um judoca? Essa pessoa poderia até comentar “impressionante”, “incrível”. E talvez até compreendesse o que eu estava querendo dizer... mas não me entenderia de verdade. É lógico. Essa pessoa nunca **experimentou** aquilo sobre o qual falo. Para conseguir “falar perto”, é preciso ter um interlocutor capaz de “escutar perto”.

Acredito que algumas imagens só falem, e de um jeito não completamente compreensível a determinados grupos ou contextos. Pensando no exemplo acima, imagino que um judoca entenda (mesmo que não completamente) o que senti ao ver tal filme. É claro que nunca me entenderia por completo na medida em que é impossível a dois seres sentirem da mesma forma. Mas, o fato de também ser judoca, de já ter vivenciado uma

experiência semelhante à minha fará com que essa pessoa tenha um olhar bem mais próximo ao meu. O fato de compartilharmos um mesmo contexto torna possível, ao menos, que um tenha certa noção do que se passou no espírito do outro. **Podemos falar “de perto” um com o outro.**

Eis aqui uma dificuldade tanto da palavra como da imagem. Há aspectos que são “indizíveis” tanto por palavras quanto por imagens. Eles não são comunicáveis através do intelecto, mas do afeto. A subjetividade, o afeto se vinculam diretamente à experiência, à vivência do ser. As sensações que tenho ao assistir *The essence of Judo*, que tento descrever nesse trabalho, são um bom exemplo do que digo. É impossível transmitir completamente o que sinto ao olhá-las, só posso apresentá-las. Elas não são boas para serem compreendidas, no sentido de explicar meus sentimentos; são boas para ilustrar o que pretendi dizer até agora. Imaginemos que eu nunca tivesse praticado o Judô. Ora, meu olhar sobre o filme pode-se ter certeza que seria outro. **O que olho é condicionado pelo que sinto, o que sinto é condicionado pelo que vivi.**

Conclusão

Esta conclusão começa com algumas palavras que Sylvia Caiuby escreve em seu texto *O Uso da Imagem na Antropologia*:

Se um dos objetivos mais caros à Antropologia sempre foi o de contribuir para uma melhor comunicação intercultural, o uso de imagens, muito mais que o de palavras, contribui para essa meta, ao **permitir captar e transmitir o que não é imediatamente transmissível no campo lingüístico**. Certos fenômenos, embora implícitos na lógica da cultura, **só podem explicitar no plano das formas sensíveis seu significado mais profundo**. (2005, p.110) (grifos meus)

O que se compreende como sendo “essas formas sensíveis” e esse “significado mais profundo”? Valores e idéias pertencem ao domínio do intelectual, são inteligíveis, passíveis de serem transmitidos numa imagem, justamente por se vincular à dimensão do intelecto, do inteligível do espectador. Porém, como pôde ser visto durante o trabalho, a dimensão do sensível, do subjetivo depende totalmente da vivência experimentada pelo espectador. O trabalho procurou focar justamente essa dimensão do sensível. E esta conclusão se dispõe a estender tal relação (entre o subjetivo – nossas experiências – e nosso olhar sobre o “outro”) ao campo da antropologia como um todo.

Nossas experiências formam o domínio de nosso sensível. Isso quer dizer que, como tentei mostrar com o meu exemplo pessoal, na segunda parte, é a vivência dentro de

certos contextos que permite se chegar à compreensão, mesmo que nunca total, do “olhar” sobre certas imagens. Ora, sendo assim, é preciso então muito cuidado na produção e escolha de imagens.

O que está sendo dito parece algo sem importância, meio óbvio. Mas pensemos, por exemplo, em Malinowski. Quando este se propôs a apreender o ponto de vista dos nativos, certamente impôs a si mesmo uma tarefa bem complicada. A primeira pergunta que se pode fazer é: será que é possível essa apreensão? Vamos supor uma resposta positiva a essa questão. Mesmo assim, como transmitir esse ponto de vista? Ora, se meu interlocutor não vivenciou o mesmo contexto ao qual proponho apresentar a ele como tornar o que digo compreensível? Será que a melhor forma seria como fez Flaherty em seu *Nanook of the North*? Será que seria possível uma transmissão de conhecimento como aquela almejada por eles, uma apreensão objetiva, “científica”?

Vamos tomar outro exemplo, mais uma vez aplicado à questão das imagens. Quando Margaret Mead se questiona sobre a importância de se fazer os vídeos com a câmera apoiada num tripé... ora... as imagens que ela veicula já são uma interpretação sua que, vistas num contexto fora do filmado, serão interpretados sob os olhos daquele contexto.

A solução encontrada pelos antropólogos, e aliás o que, do ponto de vista “objetivo”, “científico”, justifica a antropologia, é o fato de que se interpreta, teoriza, torna-se inteligível as relações, os contextos observados. Como foi dito acima, valores e idéias são inteligíveis, passíveis de compreensão. Mas, e a esfera do sensível, como proceder? Jamais se sentirá como um “nativo”, no máximo interpretaremos o que nos é apresentado sob o ponto de vista de nossa sociedade, de nossa cultura, de nosso olhar. E não é este justamente o ponto que Thinh T. Minh-ha quis destacar em *Reassemblage*? Ora, também me desperta muito a atenção a questão do *speak nearby*...

Idéia semelhante à que se quer aqui expor pode ser encontrada nas palavras de Sylvia Caiuby:

A imagem, pela especificidade de sua linguagem, é mais flexível do que o texto, no sentido de acomodar em sua estrutura narrativa, múltiplos significados, e é, portanto, **um elemento essencial para que se possa analisar como esses significados são construídos, incutidos e veiculados pelo meio social**. Além disso, o modo como as imagens são recebidas pelo espectador **implica uma negociação de sentido que transcende a própria imagem e que se realiza no contexto da cultura e dos textos culturais com que ela convive**. (2005, p.111) (grifos meus)

Porém é preciso ressaltar que quando analisamos como “esses significados são construídos, incutidos e veiculados”, chegamos a conclusões que correspondem, que entram em acordo com a interpretação de nossa sociedade. Como podemos ver neste exemplo de MacDougall:

Tenho um cartão postal fotográfico da década de 30 que mostra um maasai com uma lança em uma das mãos, um cajado de pastor na outra e uma lata de leite condensado Nestlé enfiado no lóbulo de uma das orelhas. Essa fotografia e suas conotações podem ser lidas em diferentes níveis, desde o da piada original (um 'selvagem' cometendo um erro em relação a um objeto familiar para nós) até o que hoje sabemos sobre os impactos das fórmulas infantis da Nestlé sobre o Terceiro Mundo. **Mas o que vejo nesse momento é a apropriação de um produto cultural para uso do outro.** (1997, p.93) (grifos meus)

Mesmo ao analisar imagens feitas pelos próprios nativos de outro contexto cultural, as conclusões a que chegaremos são uma interpretação nossa, correspondentes às experiências vividas dentro de nosso próprio contexto cultural. Acredito ser isso o que quer dizer essa questão da “negociação de sentido”. O sentido da imagem deve ser negociado constantemente, de acordo com o contexto cultural na qual esta é vista e olhada.

Fiz esse trabalho sobre Judô, pensando em mim como “nativo”. Ao tentar perceber como o fato de ser judoca, de estar inserido no Judô influenciou e influi no modo como assisto o *The Essence of Judo*, um modo de ver diferenciando do olhar de um não praticante, pensei ser possível estender essa reflexão a um contexto maior, o da Antropologia. A presente conclusão se dispôs a esta “reflexão mais ampla”.

Referências Bibliográficas

BARBARAS, Renaud. **O Invisível da Visão**. IN: NOVAES, Adauto (Org): **Muito além do Espetáculo**. SENAC. 2005.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. **O uso da imagem na Antropologia**. IN: Samain, Etienne: **O Fotográfico**. HUCITEC e SENAC. 2005 (2ª. Edição)

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. **Imagens que afetam: filmes da quebrada e o filme da antropóloga**. IN: GONÇALVES; HEAD (Org.). **Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. 1 ed. Rio de Janeiro: 7LETRAS. 2009 (v. 1)

MACDOUGALL, David. **De Quem é Essa História?**. IN: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. (v.5) (nº2) Rio de Janeiro: UERJ. 1997.

SKLAIR, Jessie. **A quarta dimensão do trabalho de Trinh T. Minh-ha: desafios para a antropologia ou aprendendo a falar perto**. IN: **Cadernos de Campo – Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP**. USP, FFLCH, PPGAS, nº14/15. 2006

WOLFF, Francis. **Por trás do espetáculo – o poder das imagens**. IN: Aduino Novaes (org.), **Muito além do espetáculo**. São Paulo: SENAC. 2005.